



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9366 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

**POR CARTAS: ESCRITAS ORIGINÁRIAS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES
INDÍGENAS PARA O MUNDO EM TEMPO PANDÊMICO**

Marina Rodrigues Miranda - UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia

Rafaella Capela Leão - UFPA - Universidade Federal do Pará

Fábio Guss Strelhow - UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: UFSB - UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA
BAHIA

**POR CARTAS: ESCRITAS ORIGINÁRIAS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES
INDÍGENAS PARA O MUNDO EM TEMPO PANDÊMICO**

Resumo: Nesta comunicação compartilhamos experiências em tempo pandêmico aportadas das ações extensionistas com aldeias. Por Cartas são escritas de crianças e adolescentes indígenas para o mundo, intituladas Cartas-Terra. As narrativas nos presentearam com histórias, vinculadas aos saberes da vida e da terra nas cosmogonias dos antepassados, constituindo conhecimentos valiosos para este tempo. As histórias e memórias relatadas são aliançadas às existências e resistências identitárias desses povos provocando novos sentidos para a educação e para a vida. Este ecoar das aldeias da Bahia e Espírito Santo constituiu processos de conhecimentos originários em seus etnosaberes. E neste movimento, analisamos algumas Cartas-Mundo, escritas sensíveis para aldeias reverberadas de sentidos originários. A metodologia, de caráter qualitativa, une-se aos estudos Freireanos no método dialógico do gênero narrativo epistolar das obras “Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos” (2000) e “Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo” (1978) consonante à escrita de Munduruku (2012). Estas fontes alimentaram a convers(a)ção com as aldeias indígenas, possibilitando autorias nas escritas das cartas, encampando “palavras geradoras” (1981) para análises compondo pedagogias do arco e das flechas apropriadas às “Histórias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019).

Palavras-chave: Cartas. Crianças-adolescentes. Cosmologias. Educação Indígena. Pandemia.

Vivemos tempos bravios, enfrentando agressões das “várias ordens” procedentes desta bancada “desgovernada” de homens brancos que “passam a boiada”. Numa tentativa de juntar esforços para reflexão das situações de fragilidades que os povos originários do Brasil vivenciam, é necessário compor movimentos para reforçar a luta no enfrentamento das forças

invasoras neste tempo neocolonial.

Desde a chegada de Cabral, a devastação dos territórios e das identidades dos povos indígenas foram planejadas com interesses de exploração de vidas, memórias e histórias dos nativos desta terra. Antes de pisar neste solo sagrado, fingiam um bem querer aos que habitavam nesta terra. No desembarque, apreciaram a beleza dos povos e seus modos de vida numa tentativa de proximidade. Nesse tempo, quem poderia imaginar o que eles queriam? Depois, foram outros os julgamentos: eram bichos do mato, selvagens que andavam livremente com as “vergonhas de fora”.

[...] do que tiro ser gente bestial, e de pouco saber, e por isso são assim esquivos. Eles, porém, contudo, andam muito bem cuidados e limpos. E naquilo me parece ainda, mais que são como aves ou animais monteses, aos quais faz o ar melhor pena e melhor pelos do que às mansas. (VILELLA, 1999, p. 59).

Caminha relata ao rei Dom Manuel as belezas da terra dos papagaios e periquitos, bem como as estratégias de proximidade com os nativos e os escambos realizados entre eles. Ele acena para a majestade sua visão dos nativos para torná-los subservientes. O mérito de exaltação dos corpos dos gentios, eram pensados pelos “civilizados” como objeto de trabalho. Para tal, era preciso amansá-los na santa fé, na vontade de Deus, dando cabo a primeira missão. Aqueles que não se submeteram à força dos invasores, aos poucos foram dizimados. Há cinco séculos, as aldeias sofrem ataques, mulheres são estupradas, florestas queimadas, terras invadidas e exploradas por corporações empresariais, enviando seus garimpeiros, madeireiros e grileiros, abrindo guerra contra os guardiões e guardiãs que vivem e são florestas.

A história oculta mais do que revela, o que tem acontecido nestes territórios são verdadeiras barbáries. Porém, as nações indígenas resistem e vão ao enfretamento, contrapondo-se à violência cultural, espiritual e material, imposta no passado-presente. Para além destas mazelas, a vida dos originários foi afetada pelo avanço da COVID-19, desprotegidos e desassistidos em sua saúde por negligência do poder público. A Associação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) movimenta lutas, recorrendo aos órgãos internacionais, denunciando as problemáticas recorrentes nos territórios: etnocídios, epistemicídios e ecocídios planetários.

Krenak (2019) tem denunciando as inúmeras explorações nas terras indígenas, reagindo aos controversos órgãos ambientais que favorecem a desenfreada devastação dos recursos naturais. Encampa as cosmologias originárias como apropriadas a revitalizar a espiritualidade com a terra-mãe. Assim, propaga a sabedoria dos povos indígenas integrada aos ensinamentos ancestrais, valorizando as entidades da floresta, sustentáculos da memória espiritual dos antepassados que alimentam a existência, prolonga a vida, enreda histórias, circulando “ideias para adiar o fim do mundo”.

Nesta perspectiva, via abordagem qualitativa, construímos um projeto de extensão em parcerias com professores(as) indígenas, visando provocar diálogos identitários para adiar o fim do mundo, no auge da pandemia e, somado a isto, promover os conhecimentos indígenas circulares apropriados para o tempo. Este projeto teve por objetivo propagar para o mundo as culturas de infâncias e adolescências indígenas em seus protagonismos originários, mediadas por escritas que promovam identidades de conhecimentos ameríndios ao mundo nos seus modos de “existência e resistência”, fomentando sensibilização e reflexão sobre as questões ambientais em tempos de Pandemia, construindo com diferentes sujeitos.

Considerando que a educação é o principal instrumento de mudança e transformação de consciência, entendemos que reconhecer as identidades e pertencas culturais originárias viabilizaria uma convers(a)ção fundante para transformação das mentalidades colonizadas, por uma “pedagogia da indignação” (FREIRE, 2000). Nessa obra, Freire relata em uma de suas cartas datada de 21 de abril de 1997, a sua perplexidade em relação ao assassinato de Galdino Jesus dos Santos, índio Pataxó. Esta leitura nos remete ao tempo atual: “que coisa estranha brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável, destes moços desgenticando-se, no ambiente onde decresceram em lugar de crescer” (FREIRE, 2000, p. 31).

Nessa referência, o autor recorre à consciência da capacidade de amar o mundo e o próximo, ao dizer que:

a ecologia ganha uma importância fundamental neste fim do século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico e libertador. Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. (FREIRE, 2000, p. 31).

Este apelo à consciência amorosa e etnoecológica revela-se numa experiência educativa em processo, tal qual as “Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processos” (FREIRE, 1978) em que o autor abre uma conversa tendo como premissa o método educativo epistolar. Munduruku (2012, p. 19) também adota tal estilo, por julgar que é um alimento de conversas por escrito. Justifica-se a opção estilística: “Sei que a carta – ou a epístola – não é exatamente um estilo indígena, uma vez que exige o domínio da escrita. O estilo indígena seria baseado na oralidade, mas, certamente a carta é a que mais se aproxima do estilo oral”. Essas referências compuseram o projeto inventivo-performativo-interventivo em tempo de pandemia.

A problemática anunciada era: como realizar processos de correspondências por cartas em tempos de pandemia, tendo como referência a educação indígena, mas ao mesmo tempo o distanciamento social e a execução da ação pedagógica? E, considerando que muitas aldeias não possuem ferramentas tecnológicas, como realizar esta proposta educacional frente a estes desafios? Assim, o Núcleo de Pesquisa, formado por professores(as) de diferentes níveis e instituições, iniciou de modo remoto os planejamentos e protocolos para efetivação de uma proposta educativa, constituída metodologicamente em situação e em ato pedagógico, com a participação de professores(as) indígenas em aldeias da Bahia e Espírito Santo.

Realizamos a ação por dois tipos de correspondências: carta-mundo e carta-terra. As cartas-mundo são correspondências de pessoas não-indígenas enviadas para as aldeias. Estas cartas foram recebidas por correio eletrônico, via plataforma virtual, construída para esta finalidade. As cartas-terra são as respostas das crianças e adolescentes das aldeias para o mundo. Enviamos as cartas-mundo aos destinatários, e os(as) professores(as) voluntários(as) das aldeias distribuíram essas correspondências para as famílias das crianças e adolescentes indígenas, bem como material lúdico elaborado para o projeto, sensibilizando as populações de aldeia a comporem por cartas – narrativas da terra. Estas cartas-terra produzidas por crianças, adolescentes e professores das aldeias foram fotografadas e enviadas, via *whatsapp* para o núcleo de pesquisa, sendo divulgadas coletivamente durante o Seminário remoto, realizado no mês de comemoração da existência e resistência dos povos indígenas (Abril/2021). Os termos de consentimentos “livre e esclarecido” foram produzidos e enviados via *Google Docs* para os participantes.

As tessituras de análises das cartas-terra e das cartas-mundo foram realizadas em círculos de convers(a)ção durante a realização do Seminário, valorizando as autorias das crianças, adolescentes e professores das aldeias. Nestas conversas incluímos as crianças cidadinas que se corresponderam com as aldeias. As análises de conteúdo das cartas foram a partir das unidades de significação na dimensão cosmológica das culturas indígenas em seus universos míticos, nas relações de identidade socioambientais (bem viver indígena). Outras unidades de significação de análises abrangeram os universos cosmológicos no conhecimento/desconhecimento da identidade, territorialidade, línguas originárias e culturas.

Apresentamos neste espaço, fragmentos das cartas mundo-terra, valorizando escritas originárias com intuito de interconectar identidades nos conhecimentos sagrados na imanência das cosmologias indígenas. Os nomes dos autores são fictícios, a fim de preservar o anonimato nesta primeira submissão.

Carta-mundo

Aos originários irmãos em suas etnias de diferentes aldeias.

Respeitáveis povos, Guaranis, Tupiniquins, Pataxós, Xavantes, Ticuna, Caiangangue, Macuxi, Terena, Guajajara, Ianomâni, Potiguar[...] peço licença para adentrar no universo de teu linguajar que, por força de humanidade, desde a minha infância aprendi a respeitar. Preciso falar, porque a palavra dita ecoa, empenha e comprova à sua origem. A palavra une significante ao significado, entranha a alma e, traz em si, a marca do lugar, o chão da resistência. A palavra dita ultrapassa as gerações, porque bate, rebate e se assenta, aguçando o seu sentido, ligando o criador à criatura, o sujeito às suas origens e à sua identidade. É soletrando certas palavras, que dá gosto de ouvir, quero fazer soar a língua de meus ancestrais. Quero dizer do que sinto, experimentar a língua viva, ativá-la na memória[...] Quando me pego pensar de onde vem as palavras, penso nos lugares da experiência, resgato muitos lugares de passagem por este Brasil grandioso. Uma delas é a palavra pedra. A palavra pedra é dura, resiste, marca e se impõe por natureza, mas pedra em sua origem é Ita: Itararé, Itaoca, Itaúnas, Itaperuna, Itaguaçu, Itabela, Itamaraju, Itaberaba, Itabuna, Itacaré, Itaeté, Itagi, Itagibá, Itajuípe, Itamari, Itambé, Itaparica[...]

Poti. Abril/2020.

Carta-terra

Eikobé! Olá! Xe Rera (Meu nome é). Ikó (moro) na aldeia indígena (tupinakyêa) tupiniquim Ausub (amo) Ikobé (viver) aqui. Tupã moeté (honro) Deus moeté (respeito) à natureza pois dependo muito dela para obtermos nosso tembi'u (alimento) Gosto muito de brincar de bicicleta subir em arvores, correr, tomar banho no rio. Na minha casa tem horta roça de aipim mandioca e muitas frutas. Na aldeia onde moro todo os anos comemoramos o dia do índio com dança de congo e música tradicionais dos povos tupiniquims. Enfim é um prazer estar participando desse projeto e poder mostrar um pouco da nossa cultura. Tchau! e T'ere Iur! Beijos!!!

Carta-Terra

Para: Juá

Akxây (Olá!) Eu sou Orikana, tenho 10 anos e nasci aqui na aldeia mesmo. Então Eliana, agora estamos bem, graças ao grande pai Niamisũ - Tupã (Deus), mas há alguns dias atrás tínhamos em nossa pataxí (aldeia) 9 casos de covid-19, onde nossas famílias ficaram todas assustadas com essa doença, mas com ajuda de todos e do grande criador, todos estão bem. Também tivemos apoios da medicina tradicional para ajudar. Olha, para adiar o fim do mundo é preciso que todos os homens, seja índio e não-índios se unam e se organizam para cuidar da mãe natureza (Imamakã Tanara).

Um abraço de Orikana

Carta-Mundo

[...] antes de 1500, tudo estava em perfeita harmonia, as florestas de Pindorama, em tupi-guarani terra das palmeiras eram totalmente integradas aos seus guardiões primitivos. [...] Tudo estava em perfeita ordem e equilíbrio. [...] após a chegada do homem branco, a desordem foi estabelecida, foi necessária muita força, luta e resistência para superar até os dias atuais as influências dos imigrantes. Por toda generosidade, lutas e resistências ao longo destes 520 anos, venho humildemente pedir-lhes o generoso perdão. Com a esperança de poder-lhes apresentar em breve, o meu mais profundo desejo de reconciliação, integração, harmonia e paz.

Tay - maio/2020

Elegemos nas cartas palavras geradoras que acentuassem significados vinculados à Educação Indígena nos princípios de conhecimentos de origem para ressignificação da vida em distanciamento do modelo exploratório da natureza. Tecemos círculos identitários no tempo/natureza indígenas. Outras palavras geradoras denotaram o reconhecimento da língua nativa e o bem viver indígena na espiritualidade com a mãe terra, significando outras ecologias de vida.

As vozes ameríndias reverberam as florestas. A pedagogia dos arcos e das flechas, em seus etnosaberes, são forças contra coloniais que possibilitam transformar a realidade. Por uma *práxis* emancipatória.

Awerê!

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné Bissau: registros de uma experiência em processo. São Paulo. Editora UNESP, 1978.

_____. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 5ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. 1921-1997. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo. Editora UNESP, 2000.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro. São Paulo; Paulinas, 2012.

VILLELA, Maria Angela. Carta a el Rey Dom Manuel / Pero Vaz de Caminha; transcrita e comentada. 2ª ed. comentada e ilustrada. São Paulo: Ediouro 1999.